

**Diôgenes Laêrtios**  
Vidas e doutrinas  
dos filósofos ilustres

*Tradução, Introdução e notas por*  
MÁRIO DA GAMA KURY



Copyright © 2024 by herdeiros de Mário da Gama Kury

Editores Marcelo Toledo e Valéria Toledo

Revisão Josiane da Fonseca Ferreira

Projeto Gráfico: KOPR Comunicação

Imagem da capa: *Head of an Old Man* (Peter Brandel). Museu Nacional de Belas Artes da Suécia.

Tiragem: 300 exemplares.

Impresso no Brasil.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Todos os direitos desta edição são reservados à Editora Madamu  
Rua Terenas, 66, conjunto 6, Alto da Mooca, São Paulo, SP  
CEP 03128-010 — Fone: (11) 2966 8497  
www.madamu.com.br  
E-mail: leitor@madamu.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
de acordo com o Código de Catalogação Anglo-Americano (AACR2)

L158v Laértios, Diôgenes  
Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres / Diôgenes Laértios; tradução: Mário da Gama Kury. 1. ed. — São Paulo: Madamu, 2024.  
528 p.; 23 cm.

ISBN 978-65-86224-55-9

1. Filosofia Antiga. 2. Grécia antiga. I. Kury, Mário da Gama. II. Título

CDU 1(092.1)

Elaborado por Simone Cadengue Ladislau – CRB-8/6350

Índice para catálogo sistemático:

1. Filosofia Antiga
2. Grécia Antiga

## SUMÁRIO

(Os algarismos romanos indicam os livros,  
e os arábicos, os parágrafos — entre parênteses na tradução).

Introdução .....	11
<b>Livro I</b> — Origem e precursores da filosofia. ....	21
1 - 11 — Prólogo. Origem do estudo da filosofia.	
12 — Origem do termo “filósofo”.	
13 — Os Sete Sábios. Origem da filosofia propriamente dita.	
14 - 15 — As escolas filosóficas.	
16 - 18 — Diversas classificações dos filósofos.	
19 - 21 — Diversas escolas ou seitas filosóficas e seus fundadores.	
22 - 44 — Tales.	
45 - 67 — Sólon.	
68 - 73 — Quílon.	
74 - 81 — Pítacos.	
82 - 88 — Bias.	
89 - 93 — Cleôbulos.	
94 - 100 — Períandros.	
101 - 105 — Anácaris, o Cita.	
106 - 108 — Míson.	
109 - 115 — Epimenides.	
116 - 122 — Ferecides.	

<b>Livro II</b> — Primeiros filósofos propriamente ditos e seus sucessores. ....	74
1 - 2 — Anaxímandros.	
3 - 5 — Anaximenes.	
6 - 15 — Anaxagoras.	
16 - 17 — Arquêlaos.	
18 - 47 — Sócrates.	
48 - 59 — Xenofon.	
60 - 64 — Aisquines.	
65 - 104 — Arístipos.	
105 — Fáidon.	
106 - 112 — Eucleides.	
113 - 120 — Stílpon.	
121 — Crítón.	
122 - 123 — Símon.	
124 — Gláucon e Simias.	
125 — Cebes.	
125 - 144 — Menêdemos	
<b>Livro III</b> — Platão. ....	131
1 - 46 — Vida e obras.	
47 - 109 — Exposição e interpretação da filosofia de Platão.	
<b>Livro IV</b> — Discípulos de Platão. ....	170
1 - 5 — Spêusipos.	
6 - 15 — Xenocrates.	
16 - 20 — Polêmon.	
21 - 23 — Crates.	
24 - 27 — Crântor.	
28 - 45 — Arcesílaos.	
46 - 58 — Bíon.	
59 - 61 — Lacides.	

62 - 66 — Carneades.	
67 — Cleitômacos.	
<b>Livro V</b> — Aristóteles e seus discípulos. ....	198
1 - 27 — Aristóteles; vida, testamento, expressões famosas, obras.	
28 - 35 — Sinopse de sua filosofia.	
36 - 57 — Discípulos de Aristóteles. Teófrastos.	
58 - 64 — Stráton.	
65 - 74 — Lícon.	
75 - 85 — Demétrios de Fáleron.	
86 - 94 — Heracleides.	
<b>Livro VI</b> — Escola Cínica. ....	233
1 - 19 — Antístenes.	
20 - 81 — Diôgenes.	
82 - 83 — Mônimos.	
84 — Onesícritos.	
85 - 93 — Crates.	
94 - 95 — Metroclés.	
96 - 98 — Hiparquia.	
99 - 101 — Mênipos.	
102 - 105 — Menêdemos.	
<b>Livro VII</b> — Escola Estoica. ....	275
1 - 38 — Zênon.	
39 - 159 — Exposição da filosofia estoica.	
160 - 164 — Aríston.	
165 — Hérilos.	
166 - 167 — Dionísios.	
168 - 176 — Cleantes.	
177 - 178 — Sfairós.	
179 - 202 — Crísipos.	

<b>Livro VIII- Pitágoras e os pitagóricos. ....</b>	<b>348</b>
1 - 24 — Pitágoras.	
25 - 36 — Tópicos principais da filosofia pitagórica.	
37 - 50 — Continuação da vida de Pitágoras.	
51 - 77 — Empedoclés.	
78 — Epícarmos.	
79 - 82 — Arquitas.	
83 — Alcmaíon.	
84 - 85 — Hípasos e Filôlaos.	
86 - 91 — Êudoxos.	
<b>Livro IX — Os filósofos esporádicos. ....</b>	<b>383</b>
1 - 17 — Herácleitos.	
18 - 20 — Xenofanes.	
21 - 23 — Parmenides.	
24 — Mêlissos.	
25 - 29 — Zênon de Elea.	
30 - 33 — Lêucipos.	
34 - 49 — Demôcritos.	
50 - 56 — Protagoras.	
57 — Diôgenes de Apolônia.	
58 - 60 — Anáxarcos.	
61 - 71 — Pírron.	
72 - 108 — Exposição da filosofia cética e sua comparação com a dogmática.	
109 - 116 — Tímon.	
<b>Livro X — Epícuro. ....</b>	<b>433</b>
1 - 28 — Epícuro e seus discípulos.	
29 - 34 — Exposição sumária da filosofia epicurista.	
35 - 83 — Epístola de Epícuro a Heródotos.	
84 - 116 — Epístola de Epícuro a Pitoclés.	

117 - 121 — Conduta na vida segundo Epícuro.	
122 - 135 — Epístola de Epícuro a Menoiceus.	
136 - 138 — Diferenças entre a doutrina de Epícuro e a dos cirenaicos.	
139 - 154 — Máximas principais de Epícuro.	
Índice das Fontes .....	492
Índice Geral .....	499
Sobre o tradutor .....	527

# INTRODUÇÃO

## 1. O AUTOR

Nada se sabe com certeza a respeito de Diôgenes Laértios, e há dúvidas até sobre seu nome, que também aparece em alguns autores posteriores (Stêfanos de Bizânton e Fótiós) como Laértios Diôgenes; os manuscritos apresentam essa segunda forma, e Eustátios usa simplesmente Laertes. Atualmente, adotam-se as duas primeiras formas, sendo Diôgenes Laértios a mais tradicional.

Quanto à sua época, admite-se, com base em evidência confiável, que ele teria vivido no século III, pois nosso autor menciona Sextos Empíricós e Saturninos (no Livro IX, § 116), que viveram na parte final do século II. Por outro lado, Fótiós (*Biblioteca*, Códex 161) diz que Sôpatros de Apamea (século IV), discípulo de Iâmblicos, citava em uma de suas obras trechos de Diôgenes Laértios.

Sendo assim, o autor das *Vidas* tê-las-ia escrito nas primeiras décadas do século III e teria sido um contemporâneo mais novo de Luciano, Galenos, Filôstratos e Clemente de Alexandria, não muito distante de Apuleio e Atênaios. Há, entretanto, quem o ponha no século IV, com fundamentos também razoáveis.

As *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres* não foram a única obra de Diôgenes Laértios. Antes de escrevê-las, ele já havia publicado uma coletânea de epigramas de sua autoria intitulada *Pâmmetros* (“Todos os Me-

tros”), citada no Livro I, § 39. O *Pâmmetros* continha epítáfios de homens ilustres, e nosso autor introduziu generosamente em sua obra conservada esses epigramas, aliás, sempre medíocres.

Com vistas às tendências filosóficas de Diôgenes Laértios, a julgar por uma menção no § 109 do Livro IX, ele teria sido um cético, pois se refere a Apolonides de Nícaia, adepto do ceticismo, como sendo “um dos nossos”. Entretanto, considerando que a obra de nosso autor se compõe mais de transcrições que de contribuições originais, a referência pode ter sido reproduzida inadvertidamente de uma de suas numerosas fontes. A mesma circunstância também explicaria os elogios fervorosos de Diôgenes Laértios a Epícuro (Livro X, §§ 9 e 138), sem indicar, entretanto, sua condição de adepto de Epícuro. Acresce que nosso autor não pode ter sido, simultaneamente, cético e epicurista. Em suma, este biógrafo de filósofos não explicita em parte alguma da obra a pretensão de ter estudado filosofia e não dá demonstração segura (descartadas as duas mencionadas pouco acima, ambíguas pelas razões aduzidas) de ter pertencido a qualquer das escolas filosóficas a que alude.

## 2. A OBRA

Na subscrição dos manuscritos mais antigos o título da obra aparece como sendo *Coleção das Vidas e das Doutrinas dos Filósofos, em Dez Livros*. Em outros manuscritos, a subscrição é: *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres e Dogmas de cada Escola, em Dez Livros*, além do título mais curto de *Vidas dos Filósofos*.

A intenção de Diôgenes Laértios é apresentar os principais pensadores gregos, tanto os “sábios” mais antigos quanto os filósofos propriamente ditos. Antes da obra de nosso autor já haviam sido escritos numerosos livros do mesmo gênero, de muitos dos quais ele faz transcrições e citações, porém, somente sua obra conservou-se.

Embora sejam poucas as alusões de escritores posteriores a esta obra, podemos, de certo modo, seguir seu caminho. No século VI de nossa

era, Stêfanos de Bizânton cita três vezes as *Vidas*. Fótius, patriarca de Constantinopla em 858-867 e 878-886, diz-nos que Sôpatros, mencionado no início desta introdução, referiu-se às *Vidas*. Há outras menções a elas no *Léxico de Suídas* (ou, segundo autores modernos, a *Suda*), baseado em parte na obra congênere de Hesíquios de Miletos (final do século VI); Eustátios e Tzetzes (século XII) também aludem às *Vidas*.

A notícia seguinte já vem do Ocidente europeu. No século XIII, época do apogeu da Escolástica, as primeiras traduções latinas de Aristóteles despertaram a curiosidade dos leitores em relação a outros filósofos mencionados pelo estagirita. Um inglês, Walter de Burleigh (1275-1357), discípulo de Duns Scotus, esforçou-se por satisfazer essa curiosidade escrevendo uma obra em latim, *De Vita et Moribus Philosophorum*, inspirada principalmente numa suposta tradução das *Vidas* de Diôgenes Laértios por Enricus Aristippus (século XII?). Na Renascença, já no século XV, veio a público uma tradução latina feita por Ambrosius Traversarius, e meio século mais tarde foi impresso, em Basileia, o texto grego. A obra de nosso autor suscitou extraordinário interesse, recebendo atenção entusiástica, entre outras de Montaigne. Para citar somente os mais ilustres, Casaubon, Henri Estienne, Ménage e Gassendi a editaram e comentaram. As primeiras histórias da Filosofia, publicadas nessa época, eram pouco mais que adaptações e ampliações das *Vidas*. Os editores da *Antologia Palatina* e de seu apêndice aproveitaram-se de epigramas, e os compiladores das primeiras coleções dos fragmentos dos poetas cômicos gregos utilizaram muito material contido em Diôgenes Laértios. Apareceram separadas das epístolas e fragmentos de Epícuro (Livro X), uma das partes mais valiosas da obra.

Não escapará ao leitor atento o fato de as *Vidas* serem, antes de tudo, a obra de um compilador incansável, a ponto de não perceber que se aplicava perfeitamente a ele mesmo a observado de Apolodoros de Atenas em relação a Crísipos, reproduzida pelo próprio Diôgenes Laértios: “Se tirássemos das obras de Crísipos todas as citações alheias, suas páginas ficariam em branco” (Livro VII, § 181). A princípio, entretanto, não é fácil perceber tudo que é transcrição na obra, pois as referências incontáveis levam a pensar em erudição, mas, baseados em critérios estilísticos e outros,

logo notamos que quase todas elas provêm de autores mais antigos, que Diôgenes Laértios reproduz, seja diretamente, seja por meio de compiladores intermediários. Não é possível determinar com certeza e precisão quantas das centenas de fontes (cerca de duzentas) ele próprio leu. Pode-se, todavia, supor com bons fundamentos que Diôgenes Laértios leu os compiladores mais famosos — por exemplo, Hêrmipos, Sotíon, Demétrios de Magnesia e Apolôdoros, por ele citados abundantemente.

É óbvia sua falta de espírito crítico em relação às fontes, o que não é de admirar, pois essa carência é característica de sua época. Ele aceita a lenda dos Sete Sábios, com sua troca de visitas e cartas protocolares, e reproduz ingenuamente as afirmações mais absurdas constantes das obras dos compiladores precedentes, sem estabelecer sequer uma hierarquia das fontes e sem a mínima preocupação com a coerência, como acontece no caso da inserção de notas marginais (escólios) num contexto onde a intrusão salta aos olhos (principalmente no Livro X, onde tais intrusões abundam<sup>1</sup>).

Notam-se, igualmente, equívocos decorrentes da utilização negligente de grande número de transcrições, a ponto de algumas terem ido encaixar-se numa Vida errada — por exemplo, no § 1 do Livro II atribui-se a Anaxíandros uma descoberta de Anaxagoras, além da confusão de Arquêlaos com Anaxagoras, de Xenofanes com Xenofon e de Protagoras com Demócrito<sup>2</sup>.

Na realidade, as *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres* muitas vezes são mais uma história dos filósofos que uma história da filosofia, e pertencem mais à literatura que à própria filosofia. Mas, sua importância e seu interesse talvez sejam ainda maiores porque aparece pouco do próprio autor na obra, onde, em geral, ele reproduz exatamente o que está sob seus olhos nas fontes de que se serve. E na comparação que podemos fazer de sua *Vida de Pitágoras* com as *Vidas* do mesmo filósofo de autoria de Iâmblicos e Porfírios, de seu Platão com o de Olimpiôdoros, de seu Sôlon com o de Plútarcos, Diôgenes Laértios não sai perdendo.

1. Na tradução, essas intrusões aparecem entre parênteses duplos. Veja-se o antepenúltimo parágrafo desta introdução.

2. Vejam-se os livros II, § 16, e IX, §§ 18 e 50.

Segue-se um resumo do plano da obra.

O Livro I começa com um prólogo, onde são mencionados sumariamente os conhecimentos pré-filosóficos fora da Grécia — dos Magos na Pérsia, dos Caldeus, dos Ginosofistas (ou faquires) na Índia e dos Druidas, alguns dos quais eram considerados com boas razões anteriores aos mais antigos filósofos gregos. O restante do Livro I, que tem pouco a ver com a filosofia propriamente dita, trata de Tales; de Sôlon e de outros homens sagazes em assuntos de ordem mais prática, cujas vidas foram romanceadas.

No Livro II começa a sucessão dos filósofos iônicos, que se teria iniciado com Tales e prosseguido com Anaximenes, Anaxagoras e Arquêlaos até Sócrates. A apreciação de Sócrates traz a filosofia para Atenas e seus arredores; onde nosso autor permanece ao longo do Livro II, dos Livros III (Platão), IV (a Academia), V (os Peripatéticos), VI (os Cínicos) e VII (os Estoicos). Concluída assim a sucessão iônica, que se desdobra em muitos ramos diferentes, Diôgenes Laértios desenvolve a sucessão italiota no Livro VIII, abrangendo Empedoclés e Êudoxos.

Os Livros IX e X incluem vários pensadores de importância considerável, embora desvinculados uns dos outros tanto doutrinária como cronologicamente. No Livro IX, aparecem, após Herácleitos, os Eleatas, os Atomistas, os Céticos, Diôgenes de Apolônia (um “iônio tardio”) e o sofista Protagoras. Finalmente, o Livro X é dedicado em sua totalidade a Epícuro, constituindo no consenso geral a parte mais valiosa da obra. Os filósofos das escolas incluídas nos dois livros finais, muito diferentes entre si, recebem a denominação de “esporádicos”.

Há uma desproporção muito grande entre o tratamento dado a Platão, a Epícuro, e mesmo aos estoicos e céticos, de um lado, e o dado aos pensadores mais antigos — seja aos iônios, seja aos eleatas —, incompatível com sua grande influência e fama. A parte dedicada a Herácleitos é um esboço caricatural; Parmenides, Zênon de Elea, e Diôgenes de Apolônia são ainda menos aquinhoados, e relativamente muito pouco é dito de Anaxagoras, Empedoclés e Demócrito.

Examinemos agora, sumariamente, uma questão muito debatida: as fontes principais de Diôgenes Laértios para as *Vidas* de seus biógrafos. Deixando de lado Aristôxenos e o historiador Neantes, cuja contribuição se restringe em sua quase totalidade a anedotas, o verdadeiro pioneiro no campo da biografia foi, provavelmente, Antígonos de Caristos (aproximadamente, 290-239 a.C.). Destacavam-se em sua obra, da qual nos chegaram apenas fragmentos, as *Vidas* de alguns filósofos contemporâneos deste biógrafo. Diôgenes Laértios usou-o como fonte principal no Livro VI para Arcesílaos e seus predecessores Polêmon, Crântor e Crates. Provavelmente as *Vidas* de Menêdemos (Livro II, capítulo 17), Lícon (V, capítulo 4), Pírron (IX, capítulo 11) e Tímon (IX, capítulo 12) derivam também de Antígonos em grande parte. Antes de Diôgenes Laértios, outros compiladores valeiram-se amplamente de Antígonos, cujos fragmentos foram coligidos e comentados por Wilamowitz-Moellendorff (*Antigonos von Karystos*, Berlim, 1881, reimpressão de 1965).

Hêrmipos de Smirne, discípulo de Calímacos em Alexandria, é citado por Diôgenes Laértios com frequência ainda maior que Antígonos de Caristos. Suas *Vidas* caracterizavam-se pela abundância de detalhes, e lhe devemos a preservação dos testamentos de Aristóteles e de Teôfrastos, aos quais teve acesso em sua condição de peripatético.

Sotíon de Alexandria escreveu, entre 200 e 170 a.C., sua grande obra intitulada *Sucessão dos Filósofos*, baseada numa epítome das *Opiniões Físicas* de Teôfrastos.

Outro biógrafo, que também era crítico, foi Sátiros, cuja credibilidade é posta em dúvida; Diôgenes Laértios cita-o nove vezes.

Heracleides Lembos, que vivia em Alexandria por volta de 170 a.C., elaborou uma epítome das *Sucessões dos Filósofos* de Sotíon; essa sequência de epítores e epítores de epítores fez com que o material usado por nosso autor nos tenha chegado a quatro estágios de distância da fonte original. Sosicrates de Rodes, também pertencente ao século II a.C., escreveu igualmente uma obra chamada *Sucessão dos Filósofos*, citada doze vezes por Diôgenes Laértios. Antistenes de Rodes foi também autor de uma obra com título idêntico, citada dez vezes nas *Vidas*.

Apolôdoros de Atenas publicou, aproximadamente em 140 a.C., uma obra indispensável aos compiladores de biografias, intitulada *Crônica*, um compêndio de cronologia.

Diôgenes Laértios cita, igualmente, Lôbon de Argos, cujo des-caso pela fidelidade nas informações pode ter chegado até à falsificação deliberada.

No século I a.C., destacam-se Alêxandros Poliístor e Demétrios e Dioclés (ambos de Magnesia), cujas obras foram largamente usadas por nosso autor. Demétrios de Magnesia escreveu uma obra muito útil, *Poetas e Prosadores Homônimos*, citada por Diôgenes Laértios simplesmente como *Homônimos*. Dioclés foi autor de um *Compêndio de História da Filosofia*, mencionado quinze vezes por nosso autor, e se interessou, principalmente, pelos filósofos cínicos. A propósito desse autor, Nietzsche, comentando passagens como o § 48 do Livro VII, diz que Diôgenes Laértios foi um simples copista, reproduzindo tudo de Dioclés; de sua autoria seriam apenas os epigramas e raras anotações. Entre as muitas obras do prolífico Alêxandros Poliístor, todas perdidas, incluía-se uma *História da Filosofia*.

Ao passarmos da época alexandrina para a época imperial romana, as fontes citadas por Diôgenes Laértios tornam-se cada vez mais raras. Panfile, que viveu durante o reinado de Nero, publicou uma obra chamada de *Comentários* por nosso autor, que cita essa escritora oito vezes. O último dos predecessores de Diôgenes Laértios, mencionado por ele (com muita frequência, aliás), é o gaulês Favorinos de Arles, o sofista mais famoso de sua época, amigo íntimo de Plútarco e Herodes Ático e, até certa altura de sua vida, protegido pelo imperador Adriano. Diôgenes Laértios menciona constantemente suas obras *Histórias Variadas e Memórias*. Favorinos teria produzido uma epítome dos *Comentários* de Panfile.

De todos esses autores restam-nos apenas fragmentos.

Deixando os detalhes biobibliográficos e entrando nas doutrinas dos filósofos, as principais fontes dos compiladores nesse campo foram as *Opiniões Físicas*, de Teôfrastos. Dois séculos mais tarde, Poseidônios publicou uma obra de âmbito ainda mais amplo, usada por Cícero e Sêneca.

Na época de Augusto, o eclético Ários Dídimos elaborou uma epítome das doutrinas éticas e físicas de Platão, de Aristóteles e dos estoicos; dessa epítome derivam as *Éclogas* de Stobaios (Eusébios também utilizou essa obra em sua *Preparação Evangélica*). Chegou até nossos dias, entre as obras de Plútarcos, um opúsculo intitulado *Das Opiniões Físicas Adotadas pelos Filósofos*, cuja autoria Diels, em seus *Doxographi Graeci*, atribui a Aétios, que teria composto o opúsculo aproximadamente em 100 d.C. Embora não haja certeza nesse sentido, Diôgenes Laértios deve ter-se valido dessas obras (ou pelo menos de algumas delas) direta ou indiretamente, apesar de não as citar.

A condição de mero compilador atribuída a Diôgenes Laértios (alguns estudiosos falam até de plágio puro e simples) não diminui, de forma alguma, o valor inestimável de sua obra para nós, entre outras razões, porque quase nada sobreviveu das obras compiladas (ou plagiadas) além dos fragmentos conservados por nosso autor.

Realmente, todo o material doxográfico, biográfico e cronológico conflui para a exposição da filosofia grega escrita por Diôgenes Laértios, que Nietzsche achava preferível à grande história de Zeller em seis alentados volumes, principalmente por seu conteúdo humano. Um dos méritos da obra ora traduzida é a evocação da atmosfera do mundo em que viveram os filósofos antigos, graças aos numerosos detalhes aparentemente insignificantes e aos elementos míticos e fantásticos em mistura com anedotas de sabor popular, tudo muito significativo e esclarecedor. O fato é que esse compilador, com todas as suas limitações, deixou-nos a obra mais preciosa da Antiguidade sobre a história da filosofia grega.

Outro aspecto a destacar é o caráter as vezes superficial da exposição, que passa abruptamente da constatação cosmológica para a anedota jocosa, revelando uma dimensão nova: a intenção de popularizar a filosofia. Esse caráter da obra pode surpreender e até desconcertar o leitor moderno, habituado a considerar a filosofia e os filósofos de um ponto de vista diferente, mas acentua a intenção a que já nos referimos, pondo em nossas mãos uma história popular evocativa do lado humano de um mundo perdido, porém, sempre fascinante.

### 3. A TRADUÇÃO

Não fosse o grande interesse intrínseco da obra, a tradução das *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres* seria uma tarefa extremamente ingrata. De fato, o estado do texto ainda é precário em muitas passagens onde o sentido permanece obscuro, apesar das numerosas conjecturas de filólogos de várias gerações; para enfrentar esses desafios frequentes, o tradutor se transforma repetidamente em intérprete e é tentado quase que irresistivelmente a parafrasear. Essa circunstância talvez explique o pequeno número de traduções da obra mesmo em países onde a filologia clássica é cultivada intensamente, como a Alemanha, a França, a Inglaterra e a Itália. De qualquer modo, nossa intenção foi respeitar ao máximo o texto, mesmo em suas obscuridades, em vez de contorná-lo ou violentá-lo.

Como em nossas traduções anteriores, e mais ainda que nelas, os nomes próprios gregos são simplesmente transliterados em caracteres latinos, com pouquíssimas exceções — p. ex. Homero e Platão. Para facilitar a composição tipográfica, transliteramos as palavras gregas em caracteres latinos (o “c” e o “g” têm sempre o som duro, como em português, antes de “a”).

As repetições do original, extremamente frequentes, são, geralmente, reproduzidas na tradução, respeitando o estilo descuidado do autor ou de suas fontes. Procuramos ser coerentes no uso da linguagem filosófica, e pedimos desculpas antecipadas aos filósofos profissionais por discrepâncias quase inevitáveis numa obra desta natureza.

Seguindo, também, o critério adotado em nossas traduções da *Política* e da *Ética a Nicômacos*, de Aristóteles, para esta mesma editora<sup>3</sup>, traduzimos *areté* por “excelência”, *aretai* por “formas de excelência” e *kakia* por “deficiência”, e não pelas formas tradicionais e enganosas de “virtude”, “virtudes” e “vício”, respectivamente, que, por seu sentido muito estrito, podem levar a interpretações insatisfatórias.

3. [N.E.] O texto faz referência à Editora UnB, que publicou as edições na década de 1980. Desde 2020, a Editora Madamu vem reeditando as traduções de MGK de filosofia — *Política e Ética a Nicômacos* de Aristóteles, — e historiografia grega — *História* de Políbios e Heródotos, e a *História da Guerra do Peloponeso* de Tucídides.

Os algarismos arábicos entre parênteses indicam os parágrafos constantes das principais edições do texto, que facilitam as remissões e o uso dos índices.

As notas marginais (escólios) dos manuscritos mais antigos, incorporadas ao texto do Livro X nos manuscritos posteriores conservados, aparecem na tradução entre parênteses duplos ((...)).

Servimo-nos, de um modo geral, do texto preparado por Cobet para a edição na coleção Didot, útil ainda hoje apesar da edição recente de H. S. Long na coleção “*Scriptorum Classicorum Bibliotheca Oxoniensis*”, 1964 (sobre as deficiências e qualidades desta última edição, veja-se a recensão no n.º 2 do volume XV da Nova Série, de junho de 1965, da “*Classical Review*”). Consultamos, também, o texto eclético de Hicks para a “*Loeb Classical Library*” (1931-1942), bem como sua tradução na mesma coleção. A ótima tradução de Marcello Gigante para a Editora Laterza (Bari, 1962), seguida de extensas notas complementares, é a mais recente que conhecemos.

Há edições separadas do texto das Vidas de Platão por Breitenbach e outros (1907), de Aristóteles por Düring (1957), dos estoicos por von Arnim nos *Stoicorum Veterum Fragmenta* (1905-1924), de Pitágoras por Delatte (1922) e de Epícuro por Usener (1881), por Cyril Bailey (1926) e por von der Mühl (1922). Graças ao trabalho crítico desses editores, as condições do texto nessas *Vidas* são mais satisfatórias.

Rio de Janeiro, março de 1987



# LIVRO I

## PROÊMIO

(1) Segundo alguns autores, o estudo da filosofia começou entre Os bárbaros<sup>4</sup>. Esses autores sustentam que os persas tiveram seus Magos, os babilônios ou assírios, seus Caldeus, e os indianos, seus Ginosofistas<sup>5</sup>; além disso, entre os celtas e gálatas, encontram-se os chamados Druidas ou Veneráveis, de acordo com o testemunho de Aristóteles em sua obra *O Mágico*, e de Sotíon, no Livro XXIII de sua obra *Sucessões dos Filósofos*. As mesmas autoridades dizem que Mocosa era fenício, Zâmolxis era trácio e Atlas era líbio.

Para os egípcios, Héfaistos era filho do Nilo, e com ele começou a filosofia, sendo os sacerdotes e profetas seus principais expoentes; Héfaistos teria vivido 48.863 anos antes de Alexandre, o Macedônio<sup>6</sup>; (2) nesse intervalo, ocorreram 373 eclipses do Sol e 832 eclipses da Lua.

Quanto aos Magos, sua atividade teve início com Zoroastros, o Persa, 5.000 anos antes da queda de Troia, de conformidade com o platônico Hermódoros, em sua obra *Da Matemática*; entretanto, o lídio Xantos calcula o decurso de 6.000 anos entre a época de Zoroastros e a expedição de Xerxes, e após Zoroastros, ele enumera uma longa sucessão de Magos, cujos nomes seriam Ostanas, Astrâmpicos, Gobrias e Pasatas, até a conquista da Pérsia por Alexandre, o Grande.

(3) Esses autores ignoram que os feitos por eles atribuídos aos bárbaros pertencem aos helenos, com os quais não somente a filosofia, mas a

4. “Bárbaros”, para os gregos antigos, eram os povos que não falavam a língua grega, e a expressão não era, necessariamente, pejorativa.

5. Ginosofistas, literalmente, os “sábios nus”.

6. Ou seja, Alexandre, o Grande.

própria raça humana começou — por exemplo, os atenienses reivindicam para a sua cidade a condição de pátria de Musaios, e os tebanos fazem o mesmo em relação a Linos. Dizia-se que Musaios, filho de Êumolpos, foi o primeiro a compor uma *Teogonia* e uma *Esfera*, e sustentou que todas as coisas procediam da unidade e revertiam a ela. Musaios teria morrido em Fáleron<sup>7</sup>, e seu epitáfio era o seguinte<sup>8</sup>:

“Aqui no chão de Fáleron jaz o cadáver de Musaios, filho querido de Êumolpos.”

Os Eumôlpidas de Atenas tiraram o seu nome do pai de Musaios.

(4) Dizia-se que Linos era filho de Hermes e da Musa Urania, e que teria composto um poema sobre a cosmogonia, o curso do Sol e da Lua e a gênese dos animais e das plantas; o início desse poema é o seguinte:

“Houve um tempo em que todas as coisas cresciam juntas.”

Anaxagoras aproveitou essa ideia quando disse que todas as coisas eram originariamente indistintas, até que veio o Espírito e as organizou. Linos morreu em Êubóia, atingido por uma flecha de Apolo, e seu epitáfio é o seguinte<sup>9</sup>:

“Este chão recebeu o tebano Lino morto, filho da Musa Urania belamente coroadada.”

Assim começou a filosofia com os helenos, e seu próprio nome nada tem a ver com a maneira bárbara de expressar-se.

(5) Os defensores de sua invenção pelos bárbaros apresentam o trácio Orfeus, introduzindo-o como um filósofo antiquíssimo. Mas, considerando os conceitos por ele usados a propósito dos deuses, não nos é possível chamá-lo de filósofo; de fato, essas pessoas concedem tal qualificação

7. Fáleron, um dos portos de Atenas.

8. *Antologia Palatina*, VII, 615.

9. *Antologia Palatina*, VII, 616.

a alguém que não hesita em atribuir aos deuses todas as paixões humanas e até as ignomínias que apenas raramente certos homens cometem e, ainda assim, somente por meio de palavras. Segundo a lenda, ele morreu nas mãos de mulheres, porém, de conformidade com o epitáfio existente em Díon, na Macedônia, Orfeus foi atingido por um raio; o epitáfio é o seguinte<sup>10</sup>:

“Aqui as Musas sepultaram o trácio Orfeus, da lira áurea, morto pelo raio de Zeus.”

Entretanto, os propagadores da ideia de que a filosofia apareceu entre os bárbaros prosseguem explicando as diferentes formas que os diversos filósofos lhe deram. (6) Os Ginosofistas e Druidas teriam exposto suas doutrinas por meio de enigmas, exortando os homens a reverenciar os deuses, a abster-se totalmente de más ações e a ser corajosos. Com efeito, Clêitarcos afirma, no décimo-segundo livro, que os Ginosofistas desdenham a própria morte: que os caldeus dedicam-se à astronomia e à previsão do futuro; e que os Magos consomem o seu tempo no culto dos deuses, em sacrifícios e em preces, como se fossem os únicos a ser ouvidos pelas divindades. Eles expõem suas ideias a respeito do ser e da origem dos deuses, compostos de fogo, terra e água, em sua opinião; condenam o uso de imagens, principalmente o erro de atribuir diferenças de sexo às divindades. (7) Os Ginosofistas pregam a justiça e consideram ímpia a prática da cremação, porém, acham lícito o casamento com mãe ou filha, como Sotíon diz, no vigésimo terceiro livro de sua obra; além disso, praticam a adivinhação e prognosticam o futuro, alegando que os próprios deuses lhes aparecem. Eles dizem, ainda, que o ar está repleto de formas que se propagam como o vapor e penetram nos olhos dos adivinhos de visão aguçada; esses Ginosofistas também proíbem adornos pessoais e o uso de ouro. Suas roupas são brancas, eles dormem no chão e se alimentam de vegetais e pão rústico; seus bastões são de junco, e esses homens, segundo consta, costumam usá-los para apanhar com sua ponta o pedaço de queijo que comem.

10. *Antologia Planúdea*, II, 99.

(8) Eles desconhecem totalmente a arte da magia, de acordo com Aristóteles, em sua obra *O Mágico*<sup>11</sup> e com Dêinon no quinto livro de sua *História*. Este último autor informa que a tradução literal de Zoroastros é “adorador dos astros” (Hermôdoros diz o mesmo). No primeiro livro de seu diálogo *Da Filosofia*, Aristóteles afirma que os Magos são mais antigos que os egípcios, acrescentando que acreditam em dois princípios, o espírito bom e o espírito mau, um chamado Zeus, ou Oromasdes, e o outro, Hades, ou Arimânios. O mesmo dizem Hêrmipos, em seu primeiro livro *Dos Magos*, Êudoxos, em sua obra *Viagem em Volta ao Mundo*, e Teôfrastos, no oitavo livro de sua *Filípica*. (9) O último desses autores acrescenta que, de acordo com os Magos, os homens viverão uma existência futura e serão imortais, e que o mundo continua a existir graças às suas preces. Êudemos de Rodes confirma essas informações Mas, Hecataios declara que, de conformidade com eles, os deuses haviam sido gerados. Clearcos de Sôloi, em seu tratado *Da Educação*, faz, ainda, os Ginossosfistas descenderem dos Magos, e algumas autoridades atribuem a mesma origem aos judeus. Acrescente-se que os autores de obras sobre os Magos criticam Herôdotos<sup>12</sup>, dizendo que Xerxes jamais teria arremessado dardos contra o Sol nem teria lançado grilhões ao mar, porquanto na crença dos Magos o Sol e o mar seriam deuses; a destruição de estátuas dos deuses por Xerxes, todavia, seria obviamente natural.

(10) A filosofia dos egípcios, no tocante aos deuses e à justiça, é descrita da maneira seguinte. Dizem eles que o primeiro princípio seria a matéria, da qual se derivaram, então, os quatro elementos e surgiram, finalmente, todos os seres vivos. O Sol e a Lua são deuses portadores dos nomes de Ôsirís e Ísis, respectivamente. Os egípcios usam o escaravelho, o dragão, o falcão e outras criaturas como símbolos da divindade, de acordo com Maneto, em sua *Epítome de Doutrinas Físicas* e com Hecataios, no primeiro livro de sua obra *Da Filosofia Egípcia*. Eles também erigem estátuas e templos aos animais sagrados porque não conhecem a forma verdadeira da divindade. (11) Para eles, o universo foi criado, é perecível e esférico, as estrelas compõem-se

11. Essa obra, perdida e considerada espúria na Antiguidade, já foi mencionada por Diôgenes Laértios no § 1 deste livro.

12. Em sua *História*, Herôdotos alude a ações nada edificantes dos Magos e dos reis dos persas.

de fogo e os eventos na Terra ocorrem de conformidade com a mistura de fogo nelas; os egípcios dizem, ainda, que a Lua entra em eclipse quando fica na sombra da terra, que a alma sobrevive à morte e transmigra para outros corpos, e que a chuva decorre de alterações na atmosfera; segundo Hecataios e Aristagoras, os egípcios dão explicações naturais para todos os outros fenômenos. Eles também instituíram leis tendo em vista a justiça, atribuindo-as a Hermes, e divinizaram os animais úteis aos homens, além de pretenderem ser os criadores da geometria, da astronomia e da aritmética. São esses os dados referentes à invenção da filosofia.

(12) Entretanto, Pitágoras foi o primeiro a usar o termo e a chamar-se de filósofo<sup>13</sup>; com efeito, Heracleides do Pontos, em sua obra *A Mulher Exânime*, atribui-lhe, em conversa com Lêon, tirano da cidade de Fliús, a frase segundo a qual homem algum é sábio, mas somente Deus. Imediatamente, esse estudo passou a chamar-se sabedoria, e seu professor recebeu o nome de sábio, para significar que atingira a perfeição no tocante à alma, enquanto o estudioso dessa matéria recebia o nome de filósofo. Outro nome para os sábios era “sofista”, e não somente para os filósofos, mas também para os poetas — Cratinos<sup>14</sup>, ao elogiar Homero e Hesíodos em sua peça *Arquílocos*, dá-lhes esse nome.

(13) Os homens geralmente considerados sábios eram os seguintes: Tales, Sôlon, Períandros, Cleôbulos, Quílon, Bias e Pítacos. Acrescentavam-se a estes Anácarsis, o Cita, Míson de Quen, Ferecides de Siros e Epime-nides de Creta; algumas fontes incluem, ainda, o tirano Peisístratos<sup>15</sup>. São estes os sábios.

Na realidade, a filosofia teve uma origem dupla, começando com Anaxímandros e com Pitágoras. O primeiro foi discípulo de Tales, enquanto Pitágoras recebeu lições de Ferecides. Uma das escolas filosóficas chamou-se iônica porque Tales, um milésio e, portanto, um iônio, instruiu Anaxímandros; a outra chamou-se italiota por causa de Pitágoras, que filosofou a maior

13. Literalmente, “amigo da sabedoria”.

14. Poeta da Comédia Antiga; este fragmento é o de n.º 2 nas coletâneas de Meineke e de Edmonds.

15. Outras fontes — por exemplo, Clemente de Alexandria, *Stromateis*, I, 59 — excluem Peisístratos e incluem Acusílaos de Argos.

parte de sua vida na Itália. (14) Uma delas (a iônica) termina com Cleitômacos, Crísipos e Teôfrastos, e a outra (a italiota), com Epicúros. De um lado a sucessão passa de Tales a Anaxímandros, Anaximenes, Anaxagoras e Arquêlaos até Sócrates, introdutor da ética na filosofia; de Sócrates ela passa a seus discípulos — os socráticos —, especialmente a Platão, o fundador da Academia Antiga; de Platão, por meio de Spêusipos e Xenocrates, a sucessão passa a Polêmon, Crântor e Crates, Arcesílaos (fundador da Academia Média), Lacides<sup>16</sup> (fundador da Academia Nova), Carneades e Cleitômacos.

(15) Há outra escola que termina com Crísipos, ou seja, passando de Sócrates a Antístenes, Diôgenes, o Cínico, Crates de Tebas, Zênon de Cítion, Cleantes e Crísipos. Existe, ainda, outra que termina com Teôfrastos, passando de Platão a Aristóteles e deste a Teôfrastos. Finda, então, dessa maneira a escola iônica.

A escola italiota apresenta a seguinte sucessão: Ferecides a Pitágoras, a Telauges (filho deste último), a Xenofanes, Parmenides, Zênon de Elea, Lêucipos, Demócrito, que teve numerosos seguidores, principalmente Nausifanes<sup>17</sup> e, finalmente, Epicúros.

(16) Dos filósofos, uns recebem a designação de dogmáticos e outros de céticos; todos aqueles que fazem asserções acerca de coisas no pressuposto de que elas podem ser conhecidas são dogmáticos, enquanto os que suspendem seu juízo, alegando que não podemos conhecer as coisas, são céticos. Além disso, alguns deles deixaram escritos, enquanto outros nada escreveram (como aconteceu, segundo algumas autoridades, com Sócrates, Stílpon, Filipo, Menêdemos, Pírron, Teódoros, Carneades e Bríson — alguns acrescentam Pitágoras e Aríston de Quios, com a exceção de que estes teriam escrito umas poucas cartas). Outros escreveram apenas uma obra cada um, como Melissos, Parmenides e Anaxagoras. Zênon escreveu muitas obras, Xenofanes, ainda mais, Demócrito, ainda mais, Aristóteles, ainda mais.

(17) Alguns filósofos foram qualificados segundo suas cidades natais, como os elíacos e os megáricos, os eretrianos e os cirenaicos; outros, segundo os locais onde funcionavam suas escolas, como os acadêmicos e

16. Veja-se o Livro IV, §§ 59-61.

17. Os manuscritos acrescentam Naucides, que os editores suprimem do texto.

os estoicos; outros, em função de circunstâncias acidentais, como os peripatéticos; outros, ainda, por causa de apelidos pejorativos, como os cínicos; outros, por suas inclinações particulares, como os eudemonistas<sup>18</sup>; outros, por uma presunção que alimentavam, como os amantes da verdade, os refutacionistas, os analogéticos<sup>19</sup>; outros, ainda, por causa de seus mestres, como os socráticos, epicuristas e semelhantes; alguns adotaram o nome de físicos em decorrência de suas investigações a respeito da natureza; outros, o de éticos por suas discussões sobre tópicos de ordem moral, enquanto os que se dedicavam a malabarismos verbais chamavam-se dialéticos.

(18) As partes da filosofia são três: física, ética e dialética, ou lógica. A física é a parte dedicada ao universo e ao seu conteúdo; a ética é a parte dedicada à vida e ao que se relaciona conosco; dialética é o processo de raciocínio usado em ambas as partes anteriores. A física esteve em evidência até a época de Arquêlaos; a ética, como já dissemos, começou com Sócrates; a dialética data do tempo de Zênon de Elea. Em ética houve dez escolas: a acadêmica, a cirenaica, a elíaca, a megárica, a cínica, a eretriana, a dialética, a peripatética, a estoica e a epicurista.

(19) Os fundadores dessas escolas foram: da Academia Antiga, Platão; da Academia Média, Arcesílaos; da Academia Nova, Lacides; da escola cirenaica, Aristippos; da elíaca, Fáidon de Élis; da megárica, Euclides de Mêgara; da cínica, Antístenes de Atenas; da eretriana, Menêdemos de Eretria; da escola dialética, Cleitômacos de Cartago; da peripatética, Aristóteles de Stágeira; da estoica, Zênon de Cítion; a escola epicurista tirou seu nome do próprio Epicúros.

Em sua obra *Das Seitas Filosóficas*, Hipôbotos declara que há nove seitas, ou escolas, e as enumera na seguinte ordem: a primeira é a megárica, a segunda, a eretriana, a terceira, a cirenaica, a quarta, a epicurista, a quinta, a aniceriana<sup>20</sup>, a sexta, a teodórea, a sétima, a zenônia ou estoica, a oitava, a acadêmica antiga, a nona, a peripatética. (20) Ele não se refere às esco-

18. Eudemonistas, literalmente "os que buscam a felicidade".

19. Respectivamente, *Philaletheis*, *Elegktikoi* e *Analogetikoi*.

20. Os seguidores de Aníceris separaram-se da escola cirenaica. Veja-se Strábon, *Geografia*, X, 837.

las cínica, elíaca e dialética. Quanto aos pirrônios, suas conclusões são de tal modo indefinidas que praticamente nenhuma autoridade lhes atribui a condição de seita; algumas autoridades acolhem suas pretensões sob certos aspectos, mas não sob outros; parece, porém, que eles constituem uma seita, pois usamos o termo em relação àqueles que, em sua atitude a propósito das aparências, seguem ou dão a impressão de seguir algum princípio, e sob esse aspecto teríamos justificativa para chamar os céticos de seita. Entretanto, se tivermos de entender por “seita” uma tendência a favor de doutrinas positivas coerentes, já não poderemos qualificá-los de seita, pois eles não têm quaisquer doutrinas positivas.

Eis aí os primórdios da filosofia, seu desenvolvimento subsequente, suas várias partes e o número de seitas ou escolas filosóficas.

(21) Mas, ainda há pouco tempo, foi fundada uma certa escola eclética, por Potâmon de Alexandria<sup>21</sup>, que elaborou uma seleção de doutrinas de todas as seitas existentes. Como o próprio autor declara, em seus *Elementos de Filosofia*, Potâmon adota como critério da verdade aquilo que forma o juízo, ou seja, o princípio dominante da alma, e o instrumento usado — por exemplo, a percepção mais acurada. Seus princípios universais são a matéria e a causa eficiente, a qualidade e o lugar, pois aquilo de que e por que uma coisa é feita, bem como a qualidade com que e o lugar em que algo é feito, são princípios. O fim a que ele subordina todas as ações é a vida levada à perfeição em todas as formas de excelência<sup>22</sup>, sendo as vantagens naturais corpóreas e ambientais indispensáveis à consecução desse objetivo.

Resta-nos falar dos próprios filósofos, individualmente e, em primeiro lugar, de Tales.

21. Esse “há pouco tempo” foi copiado por Diôgenes Laértios de sua fonte, pois, segundo parece, Potâmon teria sido contemporâneo de Augusto e, portanto, teria vivido muito antes de nosso autor. Veja-se o verbete *Potâmon* na “Suda” (Suidas).

22. A tradução de *areté* por “excelência” parece-nos menos ambígua que a tradicional “virtude”. Veja-se o item 3 da introdução.

## 1. TALES<sup>23</sup>

(22) Tanto Heródotos como Dúris e Demócritos dizem que Tales era filho de Examias e Cleobuline, e pertencia à família dos Telidas<sup>24</sup>, que eram de origem fenícia e estavam entre os descendentes mais nobres de Cadmos e de Agênor. De acordo com o testemunho de Platão<sup>25</sup>, ele era um dos Sete Sábios; foi o primeiro a receber o nome de sábio, no arcontado de Damasias<sup>26</sup>, em Atenas, quando a expressão se aplicava a todos os Sete Sábios, de acordo com a menção de Demétrios de Fáléron, em sua *Lista de Arcontes*. Tales obteve a cidadania em Miletos quando chegou àquela cidade em companhia de Neileus, que fora banido da Fenícia. A maioria dos autores, todavia, apresenta-o como milésio de nascimento, e de família ilustre.

(23) Após dedicar-se à política durante algum tempo, Tales passou a observar a natureza. De acordo com algumas fontes, esse filósofo nada deixou escrito (a *Astronomia Náutica*, atribuída a ele, segundo constava, era de autoria de Focos de Samos). Calímacos o conhece como descobridor da Ursa Menor, pois declara, em seus *Iambos*:

“Dizem que ele observou pela primeira vez as estrelas diminutas do carro que guiava os nautas da Fenícia.”

Entretanto, de conformidade com outros autores, ele escreveu somente duas obras, uma, *Do Solstício* e outra, *Do Equinócio*, considerando todos os demais assuntos acima da capacidade de conhecimento dos homens. Certos relatos o apresentam como o primeiro a estudar astronomia e predizer eclipses do Sol e a determinar os solstícios, como afirma Êudemos, em suas *Investigações Astronômicas*, merecendo, por isso, a admiração de Xenofanes e de Heródotos (Herácleitos e Demócritos testemunham esses feitos).

(24) Alguns autores, inclusive o poeta Côirilos, dizem que Tales sustentou, pela primeira vez, a imortalidade da alma. Foi, ainda, o primei-

23. Tales estava no apogeu aproximadamente em 585 a.C., data do eclipse por ele previsto.

24. Ou Nelidas, correção ao texto proposta por Bywater.

25. Platão, *Protagoras*, 343 A.

26. 582-581 a.C.

ro a determinar o curso do Sol de solstício a solstício, e de conformidade com algumas fontes, declarou, pela primeira vez, que o tamanho do Sol correspondia à 720.<sup>a</sup> parte do círculo solar, e que o tamanho da luz obedecia à mesma fração do círculo lunar. Tales foi, também, o primeiro a dar ao último dia do mês o nome de trigésimo, e o primeiro — dizem alguns autores — a discutir problemas físicos.

Aristóteles<sup>27</sup> e Hípias afirmam que, raciocinando a partir da pedra-ímã e do âmbar, Tales atribuiu uma alma até a objetos inanimados. Panfile assevera que, tendo aprendido geometria com os egípcios, Tales foi o primeiro a inscrever um triângulo equilátero num círculo, e por essa descoberta sacrificou um boi. (25) Outros autores, entre os quais o aritmético Apolódoros, contam a mesma história a respeito de Pitágoras (foi Pitágoras quem desenvolveu, em toda a sua plenitude, as descobertas atribuídas por Calímacos em seus *Iambos* ao frígio Êuforbos, ou seja, os triângulos escaenos e tudo mais que se relaciona com a geometria teórica<sup>28</sup>).

Atribuía-se também a Tales conselhos excelentes a propósito de assuntos políticos. Por exemplo, quando Croisos mandou emissários a Miletos propondo condições para uma aliança, ele frustrou o plano; essa atitude veio a ser a salvação da cidade, por ocasião da vitória de Ciro. O próprio Tales teria dito, de acordo com o relato de Heracleides, que sempre viveu solitário e como um cidadão comum, mantendo-se afastado da vida política. (26) Algumas autoridades dizem que ele se casou e teve um filho chamado Cibistos; outras declaram que Tales permaneceu solteiro e adotou o filho de sua irmã, e quando alguém lhe perguntou por que não tivera seus próprios filhos, ele respondeu: “por amor aos filhos”. Conta-se, também, a história segundo a qual, quando sua mãe tentou induzi-lo a casar-se, ele respondeu que era muito cedo, e quando ela voltou a pressioná-lo, posteriormente, o filósofo ponderou que já era tarde demais. No segundo livro de sua obra *Notas Esparsas*, Hierônimos de Rodes relata que, a fim de mostrar que era fácil enriquecer, Tales, prevendo uma boa safra de azeitonas, arrendou todos os

27. *Da Alma*, 405 a 19.

28. Uma teoria pertinente às linhas, incluindo certamente as linhas curvas além das retas.

moinhos destinados à produção de azeite, e assim ganhou muito dinheiro<sup>29</sup>.

(27) Tales disse que o princípio do universo é a água, e que o mundo é dotado de alma e repleto de divindades. Segundo constava, ele teria identificado as estações do ano e o teria dividido em 365 dias.

Ninguém lhe deu lições, com a única exceção de sua viagem ao Egito, onde passou algum tempo com os sacerdotes. Hierônimos conta-nos que Tales mediu a altura das pirâmides pela sombra das mesmas, fazendo a medição na hora em que nossa própria sombra corresponde ao nosso tamanho. Segundo o relato de Minias, ele conviveu com Trasíbulos, o tirano de Miletos.

A história muito divulgada da trípole encontrada por um pescador e mandada pelo povo de Miletos sucessivamente a todos os Sete Sábios é a seguinte. (28) Quando alguns rapazes iônios compraram, de um pescador milésio, o produto de seu trabalho, eclodiu uma disputa a propósito de uma trípole recuperada durante a pescaria. Afinal, os milésios submeteram a questão ao oráculo de Delfos, e o deus proferiu a seguinte resposta<sup>30</sup>:

“Interrogais Apolo, prole de Miletos, sobre a trípole? Respondo: a trípole será do homem mais sábio.”

Diante desse pronunciamento, os milésios a deram a Tales; este, entretanto, mandou-a a outro dos Sábios, e assim por diante, até chegar a Sôlon que, atribuindo ao deus a primazia em sapiência, mandou devolvê-la a Delfos. Em seus *Iambos*, Calímacos apresenta uma versão diferente da história, tirada por ele de Maiândrios de Miletos. Segundo essa versão, Baticlés da Arcádia deixou, ao morrer, uma taça, com instruções expressas para que fosse entregue ao homem mais útil por sua sapiência. Ela foi, então, enviada a Tales, passou sucessivamente pelos demais Sábios e voltou, afinal, a Tales; (29) este mandou-a a Apolo Didimeus com a seguinte dedicatória, reproduzida por Calímacos:

29. Veja-se a versão dessa história em Aristóteles, *Política*, 1259 a 6-18.

30. *Antologia Palatina*, VI, 51.

“Consagra-me Tales ao povo de Neileus, duas vezes oferecida, prêmio ótimo.”

A inscrição em prosa, todavia, é: “Oferta de Tales, filho de Examias, milésio, a Apolo Delfino, após obter duas vezes o prêmio supremo dos helenos.” O filho de Baticlés, cujo nome era Tiríon, levou a taça de local em local, a crer nas informações de Êleusis, em sua obra *Sobre Aquileus*, e de Aléxon de Mindos, no nono livro de suas *Lendas*.

Mas, Êudoxos de Cinidos e Euantes de Míletos afirmam que um certo homem, amigo de Croisos, recebeu do rei uma taça de ouro a fim de entregá-la ao mais sábio dos helenos. Esse homem deu-a a Tales, que passou aos outros sábios sucessivamente até chegar a Quílon. (30) Este perguntou, diante de Apolo Pítio, quem era mais sábio que ele. O deus respondeu que era Míson, de quem voltaremos a falar (ele aparece na lista<sup>31</sup> elaborada por Êudoxos, no lugar de Cleóbulo; Platão também o inclui entre os Sábios, em substituição a Periándros). A resposta do oráculo a seu respeito foi a seguinte<sup>32</sup>:

“Digo que é Míson de Oita, nascido em Quen, muito mais capaz que tu em sapiência.”

Essa resposta teria sido dada a Anácarsis. O platônico Daímacos e Cléarcos relatam que Croisos enviou uma taça a Pítacos, começando, assim, a ronda pelos Sábios.

A história contada por Ândron, em sua obra *A Trípole*<sup>33</sup> é no sentido de que os argivos teriam oferecido uma trípole como prêmio pela excelência ao mais sábio dos helenos; o prêmio coube a Aristôdemus de Esparta, mas reverteu, afinal, em favor de Quílon. (31) Alcaios menciona Aristôdemus nos seguintes termos<sup>34</sup>:

31. Subentenda-se “na lista dos Sete Sábios”.

32. *Antologia Planúdea*, VI, 40.

33. Sabe-se que Ândron de Éfesos (veja-se o § 119 deste livro) escreveu sua obra antes da morte do historiador Teôpompos (nascido, aproximadamente, em 378 a.C.), acusado de haver plagiado a Trípole (Eusêbios, *Preparação Evangélica*, X, 3, 7).

34. Fragmento 49, Bergk, *Poetae Lyrici Graeci*, 4.ª edição.

“Conta-se que Aristôdemus disse, em Esparta, palavras de forma alguma insensatas: o homem é sua riqueza, e nenhum pobre é famoso.”

Alguns autores registram que Periándros despachou uma nau com sua carga para Trasíbulos, tirano de Míletos e, quando ela afundou nas águas da ilha de Cós, alguns pescadores recuperaram uma trípole. Fanôdicos, entretanto, afirma que ela foi encontrada em águas atenienses e trazida para Atenas. Realizou-se uma assembleia e a trípole foi mandada a Bias, por razões que exporemos na vida deste último sábio.

(32) Há outra versão, segundo a qual a trípole teria sido feita por Héfaistos e dada por este deus a Pêlops como presente de casamento. De Pêlops ela passou para Menêlaos e foi levada por Páris juntamente com Helena, sendo lançada por ela em águas próximas a Cós, pois a lacônia<sup>35</sup> disse que a mesma seria a causa de conflitos. Posteriormente, certas pessoas de Lêbedos, tendo comprado o produto de uma pescaria nos arredores, apossaram-se da trípole e, como houve divergência com os pescadores a propósito da mesma, dirigiram-se a Cós; lá, não podendo resolver a questão, submetem-na aos habitantes de Míletos, sua metrópole. Os milésios enviaram uma delegação para tratar do assunto, mas tendo seus homens sido desacatados, entraram em guerra contra Cós; muitos combatentes tombaram em ambos os lados, e um oráculo declarou que a trípole teria de ser dada ao homem mais sábio; as partes litigantes concordaram em entregá-la a Tales, por quem começou a ronda pelos Sábios; ele, afinal, dedicou-a a Apolo de Didime. (33) O oráculo dirigido aos coanos tinha o seguinte teor:

“A disputa entre os mêropes e os iônios pela trípole que Héfaistos lançou ao mar não cessará antes que ela deixe a cidade e chegue à casa do homem cuja sabedoria conhece e revela o passado, o presente e o futuro.”

O oráculo dos milésios, começando com as palavras “Interrogais Apolo, prole de Míletos, sobre a trípole?”, já foi citado acima. E isso é bastante a esse respeito.

35. Isto é, Helena.

Em suas *Vidas*, Hêrmipos atribui a Tales a história contada por outros autores como se fosse sobre Sócrates, segundo a qual ele costumava manifestar seu reconhecimento por três vantagens que o levavam a ser grato à Sorte: primeiro, por ter nascido um ser humano, e não um animal irracional; depois, por ter nascido um homem, e não uma mulher; e terceiro, por ser heleno e não bárbaro. (34) Contava-se que, certa vez, quando era levado para fora de casa por uma velha serviçal para observar as estrelas, Tales caiu numa vala, e seu grito de socorro levou a velha a dizer: “Como pretendes, Tales, tu, que não podes sequer ver o que está à tua frente, conhecer tudo acerca do céu?” Tímon também o considera um astrônomo, e o elogia nas *Sátiras*<sup>36</sup>:

“Assim foi Tales, o sábio astrônomo entre os sábios.”

Segundo a informação de Lôbon de Argos, seus escritos totalizavam cerca de duzentas linhas. Havia, em sua estátua, a seguinte inscrição<sup>37</sup>:

“A iônica Miletos nutriu e revelou este Tales, astrônomo, entre todos, o mais antigo pela sapiência.”

(35) Dos poemas conviviais ainda cantados, os versos seguintes são de Tales:

“Muitas palavras não revelam opinião sábia. Procura uma única sabedoria, escolhe um único bem, pois assim calará as línguas inquietas dos homens loquazes.”

Conservaram-se, também, as seguintes máximas de Teles:

“Deus é o mais antigo dos seres, pois é incriado.  
Mais belo é o universo, pois é obra de Deus.  
Maior é o espaço, pois contém todas as coisas.”

36. Os *Síloi*; o fragmento é o n.º 23 da coletânea *Poetarum Philosophorum Fragmenta*, de Diels.

37. *Antologia Palatina*, VII, 83.

Mais veloz é o espírito, pois corre para tudo.  
Mais forte é a necessidade, pois domina tudo.  
Mais sábio é o tempo, que revela tudo.”

Tales dizia que a morte não difere da vida. “Por que, então”, disse alguém, “não morres?” “Porque”, disse ele, “não faz diferença”. (36) Quando lhe perguntaram quem era mais velho, o dia ou a noite, ele respondeu: “A noite é mais velha por um dia.” Alguém lhe perguntou se um homem pode ocultar aos deuses uma ação má: “Não”, respondeu Tales, “nem sequer um mau pensamento”. A um adúltero que lhe perguntou se poderia negar a acusação mediante juramento, ele respondeu que o perjúrio não era pior que o adultério. A alguém que lhe perguntou qual era a coisa mais difícil, ele respondeu: “Conhecer-se a si mesmo.” “E qual a mais fácil?” “Dar conselhos aos outros.” “Qual é a coisa mais agradável?” “O sucesso.” “Que é o divino?” “O que não tem princípio nem fim.” Quando lhe perguntaram qual era a coisa mais rara que ele já vira, sua resposta foi: “Um tirano idoso.” “Como poderá uma pessoa suportar melhor a adversidade?” “Se lhe for possível, ver seus inimigos em situação pior.” “Como poderemos viver a vida da maneira melhor e mais justa?” “Abstendo-nos de fazer o que censuramos nos outros.” (37) “Quem é feliz?” “Quem tem o corpo saudável, o espírito atilado e a natureza dócil.” Tales nos diz que devemos lembrar-nos dos amigos, quer estejam presentes, quer ausentes; que não devemos orgulhar-nos de nossa aparência, e sim esforçar-nos por ser belos no caráter. “Não devemos enriquecer de maneira condenável” — diz Tales — “e nem mesmo uma palavra deve tornar-nos odiosos a quem confiou em nós”. “Deves esperar de teus filhos tudo que fizeste por teus pais.” Ele explicava a cheia do Nilo como sendo devida aos ventos etésios que, soprando na direção contrária, forçam as águas a refluírem.

Em sua *Crônica*, Apolôdoros fixa o nascimento de Tales na 35.<sup>a</sup> Olimpíada<sup>38</sup>. (38) Sua morte ocorreu aos 78 anos de idade (ou, de acordo com Sosicrates, aos 90 anos); de fato, ele morreu na 58.<sup>a</sup> Olimpíada, tendo

38. Em 640 a.C. Cada Olimpíada equivale a quatro anos.